

# Marx e o Marxismo 2015: Insurreições, passado e presente

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 24/08/2015 a 28/08/2015



TÍTULO DO TRABALHO			
<b>A TRAJETÓRIA DE JACOB GORENDER E A MILITÂNCIA COMUNISTA BRASILEIRA (1947-1958)</b>			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
<b>Carlos Fernando de Quadros</b>	Universidade de São Paulo	USP	Mestrando
RESUMO (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>Nesta comunicação apresentarei alguns resultados parciais do projeto de pesquisa que desenvolvo em âmbito de mestrado, com o título “O pensamento e a prática marxista no Brasil entre continuidades e rupturas: um estudo da trajetória política e intelectual de Jacob Gorender (1923-2013)”. O objetivo no trabalho a ser apresentado é atentar a um momento específico da trajetória de Gorender, o de sua participação na imprensa comunista e na militância partidária, durante as décadas de 1940 e 1950. Jovem quadro baiano, ele atuou nas instâncias partidárias locais através do veículo <i>O momento</i>, o que lhe conferiu destaque partidário o suficiente para ser convidado para integrar a redação de importantes publicações militantes no Rio de Janeiro e o secretariado metropolitano do PCB, onde se gestava uma iniciativa editorial concernente aos novos tempos que pareciam se avizinhar – o Partido enfim gozava de legalidade, já compondo considerável bancada eleitoral. O objeto de investigação é constituído tanto pela produção escrita quanto pelas vivências de Jacob Gorender enquanto um sujeito envolvido nos desenvolvimentos históricos do PCB no período em recorte. Procuo atentar às possíveis relações entre os problemas que elencou em seus textos jornalísticos com a linha política adotada pelo Partido Comunista, em particular, e o desenvolvimento do pensamento e prática marxista em tal conjuntura, em geral. O foco biográfico em Jacob Gorender é oriundo da seguinte hipótese: este militante esteve presente em momentos centrais no <i>fazer-se</i> prático marxista, permitindo, através dos registros que legou em vida e da comparação de suas experiências com as de outros membros de sua geração, acompanhar uma visão desta totalidade em constante processo que foi a prática e o pensamento marxista no Brasil.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ 3)			
Jacob Gorender – PCB – Marxismo			
ABSTRACT (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>On this paper I will show some results of the research project that I develop in my master's studies, entitled “The Marxist practice and thought on Brazil among continuities and changes: a study on the intellectual and politic trajectory of Jacob Gorender (1923-2013)”. The objective in this work is to attempt to a specific moment on Gorender's trajectory, his participation in the communist press and activism, between the 1940's and 1950's. Young activist in Bahia, he acted in the party local instances through <i>O Momento</i> newspaper, which made him a highlighted militant, enough to be invited to join the newspaper office of important party posts in Rio de Janeiro and the metropolitan secretariat of PCB, where were processed an editorial initiative concerning to the new times that seems to come – the Communist Party at last was legal, with a considerable election bench. The research object is constituted by Jacob Gorender's writings and experiences, assuming that he is a individual involved on PCB's historical developments in the period. I look to attempt to the possible relations between the questions listed in his journalistic texts and the political orientation adopted by the Communist Party, in particular, and the development of the Marxist practice and thought in that conjuncture, in general. The biographic focus in Jacob Gorender results of the hypothesis: this activist was present in central moments in the Marxist practical making, allowing, through his registers in life and the comparison between his and the others generation fellows experiences, to follow this processed totality that was the Marxist practice and thought in Brazil.</p>			
KEYWORDS (ATÉ 3)			
Jacob Gorender – PCB - Marxism			
EIXO TEMÁTICO			
<b>Marxismo, insurreições e revoluções: teoria e história</b>			

Na conjuntura que se abriu no ano de 1945 tudo parecia indicar para os comunistas brasileiros que mudanças positivas se encontravam no horizonte. As tropas do Eixo não só eram derrotadas em todos os *fronts*, como o golpe final em Berlim ocorreu através de sua ocupação pelas tropas do Exército Vermelho. No Brasil, a democracia parecia dar alguns passos à sua concretização, especialmente com o Partido Comunista, após longos anos, enfim podendo agir sob a legalidade, uma condição que era praticamente desconhecida pelos militantes brasileiros, acostumados com a repressão policial e a clandestinidade daí decorrente. Símbolo deste quadro positivo é a anistia concedida aos presos políticos do Estado Novo.

Jacob Gorender vivenciou esta importante conjuntura. Já foi apresentado como o mesmo expressou uma percepção possível entre os seus camaradas da realidade com que se deparavam e de como agir taticamente perante esta. Em geral a avaliação era otimista, pautada na inauguração de “novos tempos de paz”, no Brasil e no mundo, com a participação comunista (SILVA; SANTANA, 2007, p. 104). O jovem militante, que tomou parte nas batalhas travadas em solo europeu, retornou ao Brasil e pouco descansou. Para além dos estudos a retomar na Faculdade de Direito, cabia participar das tarefas que eram postas ao seu Partido. Foi então que, após secretariar e assumir o cargo de redator-chefe de *O momento*, em Salvador, onde também foi eleito para o cargo suplente da Direção Estadual do Partido Comunista do Brasil, Gorender recebeu o convite, no final do ano de 1946, para integrar a redação de *Classe Operária*<sup>1</sup>, órgão central do PCB.

### **Vivências de um militante baiano na Capital brasileira: jornalista na *Interpress***

O Partido Comunista, agora atuando legalmente, tomava parte nas tratativas referentes aos novos rumos políticos do Brasil. A sua visibilidade social era notável, crescendo amplamente o número de filiações na agremiação, bem como a sua própria presença na vida social brasileira (SECCO, 2008, p. 64). Novas sedes para o aparelho burocrático eram uma necessidade, trabalho efetuado pela Comissão de Finanças. As contribuições de militantes se faziam presentes na manutenção deste aparato, mas não só, até mesmo burgueses doavam então ao PCB:

---

<sup>1</sup> Ao discutir a inserção social dos militantes que atuavam na redação de *O Momento*, Mário Magalhães relembra acerca da ascensão de quadros baianos nas instâncias do PCB: “O redator-chefe no lançamento do jornal foi Mário Alves, em breve sucedido por Jacob Gorender. Quadros baianos galgariam postos na hierarquia central do PCB, como os dois jovens jornalistas. O partido também se fortalecera com camaradas de fora. Tantos se refugiaram na Bahia após o movimento de 1935 que um dos fugitivos, Carlos Lacerda, chamaria o estado de ‘valhacouto de comunistas’.” (MAGALHÃES, 2012, p. 161). O trecho citado é bastante esclarecedor acerca do processo enfocado neste momento da exposição. Permite circunstanciar Jacob Gorender em um amplo movimento que se operava durante a reestruturação do Partido Comunista, no qual jovens militantes, já testados em atividades práticas, são convocados a tomar parte em tal esforço. Também se percebe, a partir do texto de Magalhães, que não foi mero acaso que influenciou na inclusão de Gorender, Mário Alves, entre outros, nas instâncias centrais do PCB, mas que a própria inserção destes em um cenário específico, a Bahia, influenciou para que tivessem oportunidade de participarem na imprensa comunista e órgãos correlatos.

O PCB espalhou publicações diárias pelas capitais. Para abastecê-las, criou uma agência de notícias, a *Interpress*. Só no Rio, 140 jornalistas trabalhavam na imprensa comunista. A *Editorial Vitória* e as *Edições Horizonte* imprimiam clássicos do marxismo e textos e discursos de dirigentes, muitos de Marighella. Para manter a máquina com centenas de funcionários, o partido apelava – com sucesso – aos militantes pela doação mensal de um dia de salário. Leôncio Basbaum, readmitido no PCB e agora na Comissão de Finanças, confirmaria que banqueiros e industriais regaram o caixa partidário. [...] Nas praças esportivas abarrotadas com os comícios, eram raros os que não doavam ao partido. (MAGALHÃES, 2012, p. 159)

De acordo com as informações fornecidas, percebe-se que a verba necessária aos empreendimentos do Partido Comunista, em fase de visibilidade pública, era, em parte, adquirida através de um investimento de caráter não apenas financeiro, mas também político: a imprensa partidária.

As iniciativas de edição e difusão do pensamento marxista e da política comunista, nas quais se inscreviam os órgãos constantes da imprensa do PCB, remontam ao período de formação do próprio Partido. O jornal *A Classe Operária* foi o principal organismo a tornar públicas as orientações políticas dos comunistas desde o seu período formativo. A sua criação data do II Congresso do Partido Comunista do Brasil, em 1925, por iniciativa especialmente de Astrojildo Pereira, Octávio Brandão e Laura Brandão. Com trajetória acidentada entre a sua fundação e a democratização de 1945, retornou com linha editorial marcada pelo antifascismo.

Além de *A Classe Operária*, entre os principais periódicos que integravam a *Interpress*, a citada agência de notícias do PCB, na segunda metade dos anos 1940, período em que Gorender é chamado a contribuir nos esforços jornalísticos comunistas, cabem ser citados *Tribuna Popular*, *Problemas*, *Fundamentos*. Estes são órgãos, com distintos formatos e objetivos, que se inserem na chamada “concepção leninista de imprensa”, a qual consiste, de acordo com Antônio Rubim, em: “[...] a existência de um órgão central e uma revista teórica, centros ideológicos do partido, diretamente vinculados ao Comitê Central; um ou vários jornais ‘populares’/‘de massas’, buscando atingir trabalhadores com certo nível de consciência e atuação, e, por fim, folhetos, agitação verbal e jornais legais de ‘massas’” (RUBIM, 2007, p. 382).

O esforço de comunicação empreendido pelo PCB teve enorme vulto, como atesta o mesmo autor:

Com a democratização, em 1945, os comunistas iniciam a montagem de uma fantástica rede de comunicação, configurando, sem dúvida, a fase áurea de sua imprensa no Brasil. [...] o Partido Comunista desenvolve uma rede que abarca oito

diários e inúmeros semanários distribuídos de modo deliberado nas principais cidades brasileiras. Essa cadeia jornalística articula-se através não só da *Tribuna Popular*, depois *Imprensa Popular* do Rio de Janeiro, então distrito federal, mas também de uma agência de notícias, a Interpress, a qual realiza a distribuição de material jornalístico para as publicações do partido e, gratuitamente, para a imprensa de pequenas cidades localizadas no interior do país não vinculada ao partido. (RUBIM, 2007, p. 388)

Mário Magalhães, há pouco citado, mencionou mais de uma centena de jornalistas envolvidos apenas na imprensa comunista do Rio. Não apenas jornais e revistas faziam parte deste rol: desenvolvia-se um trabalho de edição de literatura de amplo escopo naquele momento. Jacob Gorender, cumprindo a tarefa de trabalhador intelectual – um “*engenheiro de almas*”, como Stálin escrevera -, se inseria neste esforço.

Com *A Classe Operária*, importante semanário, que é encontrada a primeira contribuição de Jacob Gorender na imprensa “nacional” do Partido. A conjuntura era lida ainda de forma promissora pelos comunistas, o que se percebe pelo esforço da equipe jornalística em orientar, nas páginas centrais de seu veículo, o comportamento dos militantes e a melhor forma de organização das células e reuniões partidárias. As homenagens a grandes nomes do movimento operário internacional – como Lênin, Liebknecht e Rosa Luxemburgo, que aniversariavam de morte - também serviam a animar os espíritos dos novos membros do exército internacional da revolução. Eram tempos de disputar as consciências do proletariado, o trabalhismo já se apresentava como uma alternativa aos comunistas enquanto posição política à esquerda no espectro brasileiro. Gorender é um dos militantes que assume posição na contenda, com seu artigo “*A contradição entre a massa trabalhista e seus falsos líderes*”. Eis como inicia a exposição:

Ao desmascarar, num editorial ou num discurso, a demagogia do Partido “Trabalhista”, precisamos sobretudo considerar a necessidade de ajudar a própria massa “trabalhista” a se libertar dos seus falsos líderes. Não podemos, por isso, “acusar” a massa de seguir um senhor latifundiário, um homem que em quinze anos de ditadura impediu ferozmente o progresso no Brasil. Os réus devem ser os falsos líderes, não as massas que ainda os seguem. A maior parte da massa “trabalhista” é constituída das massas mais atrasadas do proletariado, em geral, de recente procedência camponesa, e de certos setores do artesanato e da classe média. Não somente operários qualificados ou funcionários públicos se iludem com a demagogia getulista. Também numerosos trabalhadores não qualificados, recentemente saídos do campo, que entraram nas fábricas sem nenhuma experiência política e sem nenhuma consciência de classe, apesar de os mais duramente explorados, não encontram às vista outro caminho se não “crer” em Getúlio, que, durante tantos anos, foi apresentado pela propaganda de centenas de

jornais, estações de rádio, manifestações etc., por toda uma máquina, enfim, como um “pai dos pobres”, um dedicado defensor dos trabalhadores... Enquanto isso sucedia, nenhuma oportunidade legal tinham os comunistas para desenvolver sua propaganda e educar politicamente as massas trabalhadoras e do povo em geral.<sup>2</sup>

Alguns meses depois de sua intervenção inaugural, novo texto assinado por Jacob Gorender figura nas páginas de *A Classe Operária*. O tema em debate é diverso: o regime de propriedade da terra. São dois artigos em que compara regiões de latifúndio com a situação do sul do país, onde, de acordo com o autor, “*a pequena propriedade já exerce notável influência*”<sup>3</sup>.

Colabora em *Fundamentos - Revista de Cultura Moderna*, a partir de 1948, no segundo número do veículo. A insígnia com que é apresentado se assemelha ao signo distintivo utilizado poucos anos antes em *O Momento*: “*jornalista e ex-combatente da FEB*”. Astrojildo Pereira, um dos fundadores do PCB, também colaborou naquele número. Monteiro Lobato, falecido em 1948, quando o referido número encontrava-se na tipografia, era o fundador da revista. Surgida entre os comunistas de São Paulo, *Fundamentos* foi marcada por: “[...] *pronunciada flexão nessa postura [de abertura intelectual] e, em um estilo quase panfletário, passa a travar violenta ‘luta ideológica’ contra a ‘decadente cultura burguesa cosmopolita’, em suas manifestações formalistas e ‘psicologistas’.*” (RUBIM, 2007, p. 391).

Gorender, um jovem militante que recém passou a trabalhar na imprensa central do Partido, toma parte na sessão de “Crítica” em *Fundamentos*, com o artigo “*Uma filosofia para degenerados*”<sup>4</sup>. Este texto é a sua primeira contribuição enquanto crítico cultural no PCB, uma seara que adquiria maior centralidade nas preocupações dos comunistas, como atesta o próprio título de seu novo órgão. O realismo socialista de Zhdanov também pontificava em território brasileiro.

No referido texto, o autor ataca ao existencialismo enquanto uma “[...] *arma ideológica fabricada pela reação europeia*”, avessa à realidade material e, por consequência, aos “*sentimentos e interesses das massas*”, a qual se espalhava para além dos tratados filosóficos, assumindo feição em “[...] *romances, peças de teatro e magazines obscenos*”<sup>5</sup>.

Apresentava-se, nesta discussão ali levantada por Gorender, o problema do papel do intelectual que é fomentado pela reação e qual deve ser o papel a ser assumido pelo intelectual da classe operária. Era posta, nestes termos, a questão do “*profundo compromisso pessoal*” com a revolução daqueles militantes que, a partir de sua adesão aos órgãos comunistas, integravam “o

---

<sup>2</sup> GORENDER, Jacob. A contradição entre a massa trabalhista e seus falsos líderes. IN: *A classe operária*. Rio de Janeiro: 25/01/1947. N. 48. CEDEM. Setor: CEMAP.

<sup>3</sup> GORENDER, Jacob. A fome do povo brasileiro torna inadiável a reforma agrária. IN: *A classe operária*. Rio de Janeiro: 19/07/1947. N. 82. CEDEM. Setor: CEMAP.

<sup>4</sup> GORENDER, Jacob. Uma filosofia para degenerados. IN: *Fundamentos – Revista de Cultura Moderna*. São Paulo: 07/1948. Nº. 2, Vol. 1. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 128-134.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 128.

*exército mundial revolucionário*”, como pontuou Eric Hobsbawm (HOBSBAWM, 1985). Jacob Gorender, então, também cumpria esta agenda, em um momento em que seu Partido novamente se radicalizava, golpeado pela cassação não só de sua legalidade, como dos mandatos dos candidatos eleitos pela sua legenda.

A questão acima posta acerca da intelectualidade, as suas tendências e o papel político que deveriam assumir teve alguma importância para a produção escrita de Jacob Gorender naquele momento. Especialmente nos textos que publicava em *Fundamentos*, órgão destinado a reflexões aproximadas a tal problema. A prisão de Aydano Couto Ferraz constituiu uma oportunidade para seguir desenvolvendo a questão, agora atento à “liberdade de criação”:

Para os verdadeiros intelectuais, todavia, a liberdade de criação é uma faculdade concreta, que a experiência tem demonstrado só poder ser exercida dentro de determinadas condições políticas sociais e, em última instância, econômicas. Isso porque o intelectual criador é aquele que está identificado, embora nem sempre de maneira nem sempre de todo consciente, com a realidade das coisas, única matéria prima de todas as criações, no campo da ciência ou da arte. Ora, a realidade mais importante para os homens é a realidade social, fonte da própria existência dessa categoria que se classifica de “humana”. Como, então, tratar tal realidade de maneira **realista**, isto é, **criadora**, como colocar-se dentro dela numa posição fecunda para a arte ou a ciência, quando existem grupos ou classes sociais que o impedem pela força, porque é do seu interesse que sobre as questões reais apenas ilusões sejam disseminadas? Está claro que, em circunstâncias dessa natureza, a liberdade de criação desaparece como uma faculdade concreta para o verdadeiro criador e o campo fica disponível apenas para os mercenários declarados da reação ou os impenitentes hipócritas, que se encerram em torres de marfim e se dão ao luxo de cantos adocicados, quando a realidade quotidiana para milhões de seres humanos é uma opressão muitíssimo amarga.<sup>6</sup>

Seu texto é uma denúncia das ameaças sofridas pela liberdade de criação nas Américas, como um todo. O caso de Aydano Ferraz, que dá título ao artigo, encontra correspondência com outros intelectuais no próprio Brasil, mas também nos Estados Unidos e no Chile. Se a liberdade de criação é reivindicada como um valor liberal em território estadunidense, ela é obstaculizada politicamente neste mesmo espaço.

Além da crítica cultural, Gorender dedicou-se no mesmo período, enquanto jornalista, a exercícios biográficos. Joseph Stalin foi o primeiro sujeito cuja vida foi narrada pelas suas letras. A seção em que figura este texto de Gorender, intitulada *Figuras do Movimento Operário*, era

---

<sup>6</sup> GORENDER, Jacob. Aydano do Couto Ferraz e a liberdade de criação intelectual. IN: *Fundamentos – Revista de Cultura Moderna*. São Paulo: 08/1948. Nº. 3, Vol. 1. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 196.

dedicada a retratar dirigentes históricos do proletariado mundial. O itinerário de Stálin é retratado de forma a legitimar a sua posição como liderança internacional dos trabalhadores. Nas origens familiares já conheceu as agruras com que vivia a classe operária. Como estudante seminarista dava provas tanto de “*curiosidade intelectual insaciável*” quanto da têmpera necessária ao revolucionário, organizando círculos de leitura e difusão do marxismo, o que lhe custara a expulsão do “*ambiente obscurantista do seminário*”.

Desde jovem um combatente contra o “oportunismo” nas fileiras militantes, perseguido pelas suas ações, “*Stálin começava a se temperar na luta de classes*”. Suas principais qualidades, também apresentadas como característica manifesta desde a sua iniciação na mobilização política, são sintetizadas no seguinte trecho:

Stálin passa a dirigir vários círculos marxistas entre os operários. Desde logo se destaca pela precisão com que organiza as reuniões e pela simplicidade com que expõe os temas mais profundos. Ao mesmo tempo Stálin procurava se informar ao máximo da vida dos operários, aprendendo com eles. [...] Stálin foi, desde o primeiro momento um bolchevique intransigente, um fiel discípulo de Lênin. Popularizava, ao máximo, como grande organizador e propagandista que era, as obras de Marx, Engels e Lênin, mas, ao mesmo tempo, já começava a fazer as suas contribuições teóricas próprias. São dessa época diversos folhetos e artigos de Stálin contra os mencheviques e os anarquistas.<sup>7</sup>

Luiz Carlos Prestes, secretário-geral do Partido Comunista do Brasil, também foi biografado por Gorender, agora nas páginas de *Fundamentos*. O líder gaúcho tem a sua trajetória apresentada pelo autor como um ensinamento da história brasileira dos últimos decênios, “*expressão de fatores fundamentais*”, necessários à compreensão dos fatos políticos correntes, dada a relevância assumida por Prestes no cenário nacional. Cabe investigar como esta “*vida exemplar*” é retratada:

A vida de Prestes é um exemplo muito raro e muito precioso de fidelidade e de enriquecimento interior. O nosso povo o vê e acompanha, desde quando surgiu no cenário da atuação política, todo êle sempre audácia revolucionária, inteligencia poderosa, modéstia, honradez sem limites, firmeza estoica. Mas o Prestes de hoje, fiel como é ao de sempre, tem uma riqueza adquirida através dos tempos e das lutas, através do estudo mais paciente, da análise e da transformação das próprias concepções, num processo que o modelou e temperou como o dirigente comunista tão caro ao coração de milhões e milhões de brasileiros, tão caro também ao

---

<sup>7</sup> GORENDER, Jacob. Figuras do Movimento Operário: Stálin. IN: *Problemas* – Revista Mensal de Cultura Política. Rio de Janeiro: 12/1949. N. 23. Acesso em: <https://www.marxists.org/portugues/gorender/1949/12/figuras.htm>, às 21:02 de 13/07/2015.

coração das massas da América Latina e dos homens novos que, pelo mundo a fora, escrevem os feitos maravilhosos do nosso tempo.<sup>8</sup>

Em 1949 os comunistas brasileiros sofrem o impacto da Revolução levada a cabo do outro lado do globo pelo dirigente Mao Tsé-Tung. Os comunistas chineses, após uma longa marcha, conquistaram o poder, aumentando consideravelmente a visibilidade do campo que fazia oposição ao bloco capitalista. Segundo Daniel Aarão Reis:

A vitória da Revolução Chinesa foi recebida com surpresa e euforia pelos comunistas brasileiros, na época agrupados em torno do Partido Comunista do Brasil. A euforia tinha fundamento. Em plena Guerra Fria, o capitalismo internacional sofria uma grande derrota. O mundo socialista, no mesmo movimento, saía engrandecido em territórios e população. Mais um irmão – e que grande irmão! – para a família socialista em expansão. Mais uma vitória do processo revolucionário mundial sob a firme direção do camarada Stálin. (AARÃO REIS, 2007, p. 177)

A surpresa e euforia com os ocorridos na China se expressou na imprensa do PCB. Em *Imprensa Popular* os feitos do Partido Comunista Chinês são saudados enquanto “*uma vitória staliniana*”, possível graças aos sábios ensinamentos do dirigente soviético. Dentro da nova linha de radicalização que se anuncia ao Partido Comunista do Brasil desde pouco depois de tornado ilegal novamente é possível encontrar as afinidades suas com o processo ocorrido no Oriente.

Gorender menciona uma “*ordem semi-feudal*” ao discutir o problema da terra em *A classe operária*. Seu texto, com o título “*A solução revolucionária para o problema da terra*”, insere-se nas homenagens prestadas naquele número do jornal ao líder Luiz Carlos Prestes, a quem foram dedicados variados artigos, escritos por importantes jornalistas do Partido (Diógenes Arruda, Maurício Grabois, Aydano do Couto Ferraz, Cândido Portinari, Zuleika Alambert etc.). Assim Jacob Gorender homenageou o secretário-geral:

Logo em seguida ao término das lutas da Coluna, Prestes acrescentou ao seu contacto com a realidade viva a compreensão teórica do carácter do problema da terra, através da leitura exaustiva dos clássicos do marxismo-leninismo. Isso deu à sua análise uma exatidão científica, que a coloca muito acima das apreciações sobre a questão que, antes dele, chegaram a fazer alguns patriotas.<sup>9</sup>

Cabe lembrar que, na voga da Revolução Chinesa (mas não só), ocorreram uma série de ações armadas no interior brasileiro e o problema agrário passou a ser mais discutido pelo PCB. O

---

<sup>8</sup> GORENDER, Jacob. A vida heróica de Luís Carlos Prestes. IN: *Fundamentos – Revista de Cultura Moderna*. São Paulo: 01/1951. Nº. 17. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 9.

<sup>9</sup> GORENDER, Jacob. A solução revolucionária para o problema da terra. IN: *A Classe Operária*. Rio de Janeiro: 01/01/1949. N. 157. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 7.

próprio Jacob Gorender discute a questão da terra a partir de diferentes abordagens para além do seu texto já citado.

O escritor Lima Barreto, por exemplo, é tomado como eixo pelo jornalista para posicionar-se no debate partidário sobre o problema agrário. A imagem veiculada de Barreto não difere da interpretação que Gorender propôs em seu texto crítico ao existencialismo, menos de um ano antes: “*Na obra artística de Lima Barreto é que está a sua política. O homem que via tantos problemas angustiantes ao seu redor não podia se perder na arte pela arte, nas filigranas abstracionistas e introspectivismo em que se enredam os incapazes e os covardes*”.<sup>10</sup> Um autor que tem atuação política, engajamento, em sua obra. Valores citados por Gorender para marcarem contraponto com o que ele percebe enquanto as atuais tendências da Associação Brasileira De Escritores (ABDE), onde “literatos”, próximos de Afonso Arinos, procuravam: “[...] *colocar a arte e toda a atividade cultural num impossível campo neutro e ‘apolítico’*.”<sup>11</sup> A sua crítica aos literatos contemporâneos, presente no elogio a Lima Barreto, vincula-se ao modelo de intelectual desejado pelo Partido, não ligado a tendências parnasianas, mas sim atuante, ativo, com convicções que não se separam de sua obra, penetrando nas contradições de sua sociedade.

Lima Barreto, ao iluminar o drama agrário brasileiro, é comparado por Jacob Gorender com a coragem demonstrada por seu contemporâneo Euclides da Cunha, autor também envolvido com problemática social. Para além de um “*falso lirismo bucólico*”, característico daquilo que o jornalista chama de “*romantização do camponês*”, Barreto se destaca pela denúncia da miséria daqueles que trabalham no campo. Abriria caminhos para o papel que o PCB assumiu perante este problema:

Lima Barreto foi dos poucos que, no passado observaram, com honestidade e agudeza, um dos problemas essenciais da nossa Pátria. Fê-lo como romancista em páginas satíricas de imortal envergadura. Com o Partido Comunista, que nasceria no mesmo ano em que morreu o autor de “Clara dos Anjos”, o problema já aparece como reivindicação política. Caberia, porém, a Luiz Carlos Prestes, a partir de 1930 e sobretudo depois de sua libertação, em 1945, a análise rigorosa da questão à luz da ciência marxista-leninista. Foi Prestes, de fato, quem, através de uma argumentação científica irrefutável, mostrou no latifúndio semi-feudal a causa básica do atraso nacional, relacionando-o à opressão imperialista e uma série de outros aspectos do desenvolvimento econômico e social do povo brasileiro. Foi, além disso, Prestes quem, elevando a questão no seu devido nível, apontou o

---

<sup>10</sup> GORENDER, Jacob. O problema agrário na obra de Lima Barreto. IN: *A Classe Operária*. Rio de Janeiro: 15/05/1949. N. 174. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 3.

<sup>11</sup> Idem.

caminho para resolve-la, o caminho precisamente da revolução agrária e anti-imperialista sob a direção do proletariado.<sup>12</sup>

### **Gorender, um professor no *Curso Stálin***

O número 1362 do jornal *Imprensa Popular*, do dia 05 de março de 1953 foi marcado por péssimos agouros para os comunistas de então. A manchete “Stálin Enfermo”, em letras garrafais, chamava a atenção e certamente preocupava os trabalhadores e militantes que se detinham perante o veículo jornalístico. A equipe relatava consternação no povo carioca com as notícias relativas ao estado de saúde do líder soviético. “Pesar e apreensão nas fisionomias” é o subtítulo da matéria em que, valendo-se de pequenos ocorridos cotidianos, os comunistas expunham o quão afetada a classe trabalhadora encontrava-se com a enfermidade do dirigente. Concluem:

Assim é o povo. Apesar do terror policial e da infame propaganda da imprensa dos trustes, compreende dia a dia melhor, o papel de Stálin e da URSS na defesa do que lhe é mais caro: a paz, a independência nacional e o direito à felicidade. Por isso, nesta hora, todos acompanham com um interesse filial aos boletins médicos do Kremlin, desejando ardentemente o reestabelecimento do grande comandante do Campo da Paz e do Socialismo.<sup>13</sup>

As notícias só não foram mais dolorosas do que as do dia posterior, que confirmavam o pior: “Lágrimas e luto em todos os países - Morreu Stálin”<sup>14</sup>. A “*perda inestimável para os povos soviéticos e do mundo inteiro*”, ocupou largas páginas de *Imprensa Popular* bem como de outros periódicos do PCB, e não repercutiu apenas em um dia, mas por várias semanas. Esta repercussão certamente representa um sentimento que afetou aos comunistas em geral, Jacob Gorender entre eles:

[...] o ídolo não era tão somente “o maior gênio da humanidade”, como o venerou o jornalista Mário Alves. Como se fosse Deus, ele a protegia. Na consagração de Jacob Gorender, também da direção nacional do PCB, era “o gigante toda bondade, todo paternal, todo sabedoria”. Para Prestes, o “irmão” que “amamos como a um pai previdente, bom e justiceiro”. Ou – na reverência de Peralva – o “pai amado” cujo adeus foi, conforme Jorge Amado na *Gazeta Literária* de Moscou, um “instante de dor desesperada, de dor da criança que perdeu o pai amantíssimo e se sente órfã e abandonada”. Moacir Werneck de Castro assinou o epitáfio da comoção épica: “Na tua frente de gênio despejamos o beijo filial da despedida”.(MAGALHÃES, 2012, p. 215)

---

<sup>12</sup> Idem.

<sup>13</sup> *Imprensa Popular*. Consternado o Povo Carioca com a enfermidade de Stálin. Rio de Janeiro: 05/03/1953. N. 1362. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 1.

<sup>14</sup> *Imprensa Popular*. Lágrimas e luto em todos os países - Morreu Stálin. Perda inestimável para os povos soviéticos e do mundo inteiro. Rio de Janeiro: 06/03/1953. N. 1363. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 1.

Variados quadros partidários expressaram a sua dor na imprensa do PCB. Provavelmente não gastaram tinta em vão, para cumprir protocolo frente à morte de uma autoridade, mas de fato sofreram com um ataque em uma de suas “razões de ser”. As memórias de Gorender, mobilizadas décadas à frente sob o estímulo de jornalistas e militantes interessados nas experiências do longo comunista, silenciam sobre este importante marco geracional. Outras fontes, porém, abrem caminho à formulação de hipóteses acerca deste evento impactante.

Aberto por versos do poeta chileno Pablo Neruda, o artigo “*Tu nos deste a honra, a bandeira, o Partido*”, assinado por Jacob Gorender, integra o número 416 de *A classe operária*. Mário Alves, seu companheiro de militância desde os tempos em que atuavam em Salvador, ali também presta honras à memória do falecido. Uma série de comunistas imprimiu neste veículo a sua homenagem ao seu dirigente internacional. O Comitê Central em peso figura ali – João Amazonas, Pedro Pomar, Diógenes Arruda Câmara e o próprio secretário-geral Luiz Carlos Prestes. Os discursos de Malenkov, Molotov e Beria pronunciados no funeral de Stálin também são reproduzidos para as leitoras e leitores do Brasil<sup>15</sup>. Dentre estes, escreveu Gorender:

Não posso mais do que recordar que Stálin pertence à minha vida, que a ele devo, tanto como a ninguém, a minha honra, a minha bandeira, o meu Partido. Já possuía o nome de Stálin a força da lenda, mais formosa ainda do que todas as da antiga mitologia, quando atingi a idade da consciência política. As trevas da incertidão e da amargura de jovem esmagado pela pobreza se desvaneceram quando sobre à trilha de minha vida jorrou a sua luz. Há um combate a travar, há uma bandeira a que só podem dignificar os novos cavaleiros “sem medo e sem mácula”<sup>16</sup>.

Fica explícito, em suas palavras, um sentimento de gratidão para com Stálin. A declaração de fidelidade aos princípios comunistas, enquanto um soldado em continência ao seu marechal, também é a tônica de seu texto. Os artigos que também figuraram em *Classe Operária* não deixam de ressaltar outras qualidades do líder do movimento comunista internacional. Luiz Carlos Prestes, secretário-geral do PCB, afirma que Stálin representava:

esse futuro feliz e radioso, significava a certeza nesse mundo diferente por que lutamos, em que os homens se verão definitivamente livres da exploração pelo próprio homem. Sentíamos-nos fortes porque tínhamos Stálin [...] era a certeza na vitória em nossa luta pelo pão e pela liberdade, pela independência de nossa pátria do jugo opressor dos imperialistas americanos.<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> A Classe Operária. Nos funerais de J. V. Stálin. Rio de Janeiro: 15/03/1953. N. 416. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 3.

<sup>16</sup> GORENDER, Jacob. Tu nos deste a honra, a bandeira, o Partido. IN: *A Classe Operária*. Rio de Janeiro: 15/03/1953. N. 416. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 4.

<sup>17</sup> PRESTES, Luiz Carlos. Ergamos bem alto a bandeira de Stálin. IN: *A Classe Operária*. Rio de Janeiro: 15/03/1953. N. 416. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 1-2.

Outra morte encheu de pesar os comunistas brasileiros no mês de março de 1953. No dia 21 do referido mês a *Imprensa Popular* noticia, em sua capa, o falecimento “do nosso querido camarada Graciliano Ramos”. O texto sobre o intelectual intitula-se “*Homem de Partido e destacado combatente da causa da paz*”<sup>18</sup>. Cabe discutir a forma com que a imprensa partidária apresentou a trajetória de Graciliano Ramos no seu obituário:

Participou dos grandes acontecimentos de sua época na luta pela libertação nacional, na luta pela paz. Soube ver para onde marcha a cultura, mostrou de onde vem a grande época que transforma o mundo e nunca, em momento algum, escondeu a sua condição de membro do Partido Comunista do Brasil. Ao contrário, fazia questão de que todos o soubessem, fazia questão de tornar evidente o seu orgulho de pertencer ao partido do proletariado, de seguir o comando de Prestes.<sup>19</sup>

No texto em questão, aquilo que é percebido como a sua postura militante e a sua clarividência frente o seu tempo são articuladas na matéria diretamente com a sua filiação ao Partido Comunista (sob o comando de Prestes). Destacam que o secretariado do PCB o saudou por, através das qualidades já citadas, honrar “*as melhores tradições democráticas de nossa intelectualidade*”. Está inscrito o nome de Graciliano Ramos “*Na história da luta dos nossos intelectuais em defesa da cultura, contra a exploração do homem pelo homem, pela paz e pelo progresso do Brasil*”. O escritor é elogiado por não se deixar fascinar pela glória literária nem assumir uma postura afastada das lutas sociais de sua época, sofrendo as agruras de ter se engajado na ANL. O ponto máximo de seu itinerário foi o ingresso, em 1945, no Partido Comunista do Brasil, “*tomando parte ativa em todos os movimentos patrióticos e populares dirigidos pelo partido da classe operária e do povo.*” O autor de *Vidas Secas* é, enfim, homenageado como um modelo de intelectual para os propósitos comunistas, assumindo posição de vanguarda quando necessário, integrando junto de “*escritores patriotas e progressistas*” a “*defesa da cultura e da paz*” contra os atentados da reação.

As despedidas de Graciliano Ramos foram bastante mais breves que as de Stálin. Dentre as tantas homenagens legadas ao então querido “Guia genial dos povos”, merece destaque o nome de *Recrutamento Stálin*, organismo então destinado para o recrutamento de novos membros. Já existia então, com nome semelhante, o *Curso Stalin*, forma com que batizaram um dos níveis de graduação das escolas para formação de militantes qualificados para os deveres partidários<sup>20</sup> e com as quais Jacob Gorender contribuiu com importante tarefa.

---

<sup>18</sup> Imprensa Popular. Homem de Partido e destacado combatente da causa da paz. Rio de Janeiro: 21/03/1953. N. 1376. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 3.

<sup>19</sup> Imprensa Popular. Op. Cit., N. 1376. p. 3.

<sup>20</sup> “No Comitê Nacional do PCB, [Marighella] leu o relatório das medidas adotadas para as homenagens. E anunciou o Recrutamento Stálin para reforçar as fileiras do partido – o principal programa de formação de militantes do PCB já se chamava Curso Stálin. A lembrança do comandante soviético sobreviveria, prometeu Gorender: “O teu

As Escolas de Partido configuravam um esforço educacional que data do início da década de 1950, mas os planos de formação de quadros partidários não constituíam completa novidade na história do PCB, tampouco na do movimento comunista internacional. As iniciativas de pedagogia revolucionária estão no âmago do pensamento de Lênin, pelo menos, líder que indicava em seus escritos a necessidade do partido político exercer um papel pedagógico, sendo formada, após a sua morte, uma tradição entre os Partidos Comunistas de dedicarem-se à educação política daqueles que os compunham. Esta tradição correspondeu, em cada espaço em que foi levada a cabo, às necessidades específicas conjunturais (MOTTA, 1995, pp. 15-27). Na URSS, por exemplo, já no início dos anos 1920 entraram em cena a Universidade Comunista dos Trabalhadores do Oriente e a Escola Internacional Leninista. Os militantes brasileiros trabalham com a formação de novos quadros desde a primeira década de existência de seu Partido, o que constituía um dos meios de participação possível a que recorriam na disputa política, porém com pouca regularidade e resultados efetivos (SECCO, 2013, p. 42). Visando aprimorar a formação dos seus militantes que o Partido Comunista do Brasil decide organizar a sua “Escola de Partido”, seguindo o citado exemplo soviético, agora com esforços mais centrados do que o feito até então, inseridos no projeto revolucionário contido no *Manifesto de Agosto*, vigente nos anos iniciais da década de 1950.

Luiz Carlos Prestes, em “*Guiados pelos ensinamentos do Camarada Stálin, nosso educador, estudemos e assimilemos a Doutrina Marxista-Leninista*”, texto de abertura do número 31 de *Problemas*, espaço onde eram divulgadas a linha política e as avaliações conjunturais formuladas pelos dirigentes soviéticos e brasileiros, lança mão, com base nas formulações levadas a público em agosto de 1950 e aproveitando a ocasião do aniversário de Stálin, de criticar os erros do Partido no que tange à formação de seus membros e a necessidade, para efetivar com sucesso a “*revolução nacional-libertadora*”, de se alcançar um novo nível de consciência entre aqueles que integram a organização:

Uma vez traçada uma linha acertada, depois de haver solucionado com acêrto uma questão, o êxito depende do trabalho de organização, depende da organização da luta pela aplicação na prática da linha do Partido, depende de uma acertada seleção dos homens, do contrôle do cumprimento das decisões adotadas pelos órgãos dirigentes. Sem isto, a linha acertada do Partido e as decisões acertadas correm o risco de sofrer sério prejuízo. Mais ainda: após traçada linha política justa, é o

---

*nome brilhará como radioso diamante enquanto memória tiver a espécie humana”. Perpétuos seriam o constrangimento e a vergonha de Marighella, Gorender e milhões de contemporâneos por tamanha bajulação. O arrependimento, contudo, demoraria. Até então, eles identificavam no falecido a grandeza do russo Lênin e dos alemães Marx e Engels, aos quais Stálin se unira no panteão comunista. Eram os padroeiros da existência com sacrifícios, suportados em nome da sociedade justa e fraterna.” (MAGALHÃES, 2012, p. 215).*

trabalho de organização que decide tudo, inclusive da sorte da própria linha política, sua aplicação ou seu fracasso.<sup>21</sup>

As palavras do secretário-geral do PCUS, aqui apropriadas por Prestes, servem aos propósitos locais do Partido Comunista do Brasil. A “*linha acertada*” corresponde à do Manifesto publicado em 1º de agosto de 1950. Cabia então levar a cabo com êxito esta linha correta. Como fazê-lo? Através da organização partidária, a qual depende da organização dos “*elementos avançados da classe operária*”:

O Partido se distingue de outros destacamentos da classe operária, antes de tudo, por não ser um destacamento pura e simplesmente, mas um destacamento de *vanguarda*, um destacamento *consciente*, um destacamento *marxista*, da classe operária, armado com o conhecimento da vida social, com o conhecimento das leis da luta de classes, o que o capacita para conduzir a classe operária e a dirigir a sua luta. Por isso, não se deve confundir a parte com o todo, nem pretender que qualquer grevista possa considerar-se como membro do Partido, pois, confundir o Partido com a classe, equivale a rebaixar o nível de consciência do Partido ao nível de “qualquer grevista”, equivale a destruir o Partido, como destacamento consciente de vanguarda da classe operária. A missão do Partido não é *rebaixar* seu nível ao de “qualquer grevista”, mas sim *eleva*r as massas operárias, *eleva*r “qualquer grevista” ao nível do Partido.<sup>22</sup>

Estava posta uma das novas tarefas partidárias no Brasil: distinguir o Partido de outras organizações através da conscientização de seus militantes, os quais devem assumir posição de vanguarda perante os outros membros da classe operária. Para além da belicosidade na linguagem, também se faz presente no discurso, agora de Prestes, o heroísmo atribuído à militância comunista do Brasil. Heroísmo estéril, porém, se não baseado:

[...] na convicção científica da justeza da causa que defendemos e é preciso que cada uma veja claro e saiba efetivamente o que quer. É indispensável conhecer as leis que presidem ao nascimento, desenvolvimento e fim da formação social capitalista para que se possa mobilizar, organizar e dirigir com acêrto a classe operária e demais trabalhadores em sua luta contra os exploradores nacionais e estrangeiros.<sup>23</sup>

A Escola de Partido se constituía então com o objetivo de: “[...] *eleva*r o nível teórico e político de seus militantes, quadros e dirigentes, e transmitir a doutrina do partido, com o objetivo

---

<sup>21</sup> STÁLIN, Josef apud PRESTES, Luiz Carlos. Guiados pelos ensinamentos do Camarada Stálin, nosso educador, estudemos e assimilemos a Doutrina Marxista-Leninista. IN: Problemas – Revista Mensal de Cultura Política. Rio de Janeiro: Nov.- Dez. 1950. N. 31. p. 5.

<sup>22</sup> Ibidem, pp. 5-6.

<sup>23</sup> PRESTES, Luiz Carlos, Op. Cit., 1950. p. 6.

de prepará-los para o exercício do poder revolucionário que estava próximo” (MOTTA, 1995, p. 86).

Oswaldo Peralva, já um ex-comunista crítico da “cultura de aparelho” característica dos Partidos Comunistas no momento de escrita de suas memórias, fornece um relato panorâmico do espaço e do funcionamento cotidiano de um curso partidário oferecido no Brasil:

Recordo-me apenas que o lugar distava umas quatro horas do Rio, de onde eu partira em automóvel certa noite, fazendo todo o trajeto em alta velocidade, os olhos fechados, como de praxe. Agora achava-me em meio de vasta chácara, no quintal de uma casa que era uma peça integrante do aparelho clandestino do Partido. Por aquela época servia de sede a mais um curso de 15 dias, de marxismo-leninismo, do qual participavam umas trinta pessoas, em sistema de internato. Mesmo sem ser aluno, desempenhando então outra tarefa, eu me enquadrava no regime vigente, ajudando nos serviços domésticos, dormindo em esteiras no chão e entrando na escala de plantonistas que se revezavam durante a noite, armados ou desarmados, conforme o caso, atentos a quaisquer ruídos ou fenômenos estranhos que surgissem. (PERALVA, 1962, p. 6)

As Escolas de Partido demandavam, de acordo com este registro, uma série de procedimentos. No cunho prático se impunha a própria segurança dos participantes bem como a manutenção do espaço, lembrada pela expressão “serviços domésticos”, que devia incluir limpeza, alimentação etc. É nas atividades de cunho teórico ali desenvolvidas, porém, que se encontra a finalidade da iniciativa.

A escola era organizada de acordo com três níveis de graduação, cada nível com uma variação temporal distinta, de uma semana a três meses. Dada a concisão, cita-se Manoel Motta:

O primeiro nível era constituído por um pequeno curso com duração prevista inicialmente para uma semana, mas que poderia ser dado em dois ou três dias. Esse curso era considerado como a primeira etapa do processo de formação dentro do partido. Nele estudava-se a sua *linha política* e aprendia-se alguns rudimentos de *marxismo-leninismo*. O estudo da linha política era feito utilizando-se o texto do *Manifesto de Agosto*. Este primeiro curso era denominado, na estrutura da escola, de “Curso Prestes”. O segundo nível era considerado como o *nível médio* dentro do processo de formação no partido. O curso desse estágio tinha uma duração que podia variar de 15 a 30 dias. Nele já se encontrava uma preocupação maior com a questão teórica. Em muitos casos esses cursos significou [sic] para alguns militantes uma primeira aproximação mais sistemática com a teoria. Esses cursos *médios* eram chamados de *Curso Stálin* e acabaram tornando-se a instância mais importante de formação dentro do partido. Pensado como um curso para aprofundar o *estudo* teórico ideológico e político, destinava-se, pelo menos nos

termos da proposta, a formação de dirigentes partidários. [...] Finalmente, tinha-se o terceiro nível com o curso de maior duração, que era dado em aproximadamente 90 ou 100 dias. Esse curso mais longo, que deveria ser o curso superior na hierarquia de formação partidária, era denominado de *Curso Lenin*. Oferecido, ao que parece, apenas duas vezes, se realizou na cidade do Rio de Janeiro, em uma chácara onde teria sido instalada a Escola de Quadros do Comitê Central. Além dos membros do partido brasileiro esse curso contou também com a presença de alguns alunos vindos de outros partidos comunistas da América Latina. (MOTTA, 1995, pp. 87-88)

Não é sabido como Jacob Gorender, especificamente, se tornou professor na Escola de Partido, mas, o que se registrou é: “[...] *que todos os professores que atuaram na escola do partido, bem como o pessoal de administração e serviços, eram formados por quadros permanentes do partido*” (MOTTA, 1995, p. 88). Ele possuía vínculos com a Comissão de Educação do PCB, e, muito provavelmente, a escolha e definição daqueles quadros permanentes aptos a contribuir na importante tarefa de formação partidária cabia não apenas para esta Comissão, mas também ao próprio Comitê Central, órgão que centralizava as decisões da vida partidária. Outros quadros com o mesmo tempo de dedicação à militância e com semelhante peso na estrutura organizativa do Partido também serviam nos novos cursos, como Armênio Guedes e Mário Alves.

Em novembro de 1954 realizou-se o IV Congresso partidário, na cidade de São Paulo. Em seu programa, aprovado por unanimidade, destaca-se a persistência da fórmula de “*derrubar o governo de traição nacional*”. Jacob Gorender, neste Congresso, pronunciou-se sobre a questão das Escolas do Partido, com as quais encontrava-se profundamente envolvido, como já mencionado. Com o pseudônimo de Sabino Bahia, entrevistou:

Foi com as resoluções do pleno de fevereiro de 1951 do Comitê Central, que o Partido tomou medidas efetivas para levantar o trabalho de educação. Depois de aberta a escola do Comitê Central, no decurso destes últimos anos, já pudemos organizar, por todo o país, uma rede de numerosas escolas. A partir de 1951, até agora, passaram pelos cursos elementares do Partido, de 4 e menos dias, 1.960 alunos; pelos cursos médios, de 6 a 15 dias, 1.492 alunos; e pelo curso superior do Comitê Central, 554 alunos. Neste mesmo período, multiplicaram-se as sabatinas, palestras e conferências educativas, bem como os círculos de estudo. É indiscutível que esta atividade, particularmente no que se refere às escolas, tem produzido efeitos altamente benéficos para a formação ideológica do Partido e representa uma soma de realizações concretas de que nos devemos orgulhar, nas presentes condições de clandestinidade. Mas as necessidades do Partido, como instrumento

fundamental de aplicação das tarefas do Programa, exigem muito mais do trabalho de educação<sup>24</sup>.

Declarados os vultuosos números do esforço pedagógico comunista (dentro das dadas condições conjunturais), o professor Jacob Gorender não se furtou a criticar os pontos falhos no projeto em curso. A desigualdade regional na consecução dos cursos constituiu um ponto que atrapalhou o êxito das Escolas. Para o avalista, este problema se devia, em boa parte, ao próprio desaparelhamento ou mesmo má vontade de alguns dos membros das direções estaduais. Condena com mais veemência as debilidades na composição dos frequentadores dos cursos:

Os dados revelam, porém, algo de mais grave, se considerarmos a questão, realmente vital, da formação de quadros oriundos das grandes empresas, de mais de 500 operários, de quadros “proletários de puro sangue”, de que fala Stálin, que devem prevalecer nas direções do Partido a fim de assegurar a sua pureza ideológica. Entre os alunos da escola do Comitê do Estado do Rio, houve apenas um de Volta Redonda e nenhum da Leopoldina. E estas são duas entre as maiores empresas de todo o país. Em Minas, a percentagem de alunos, nos cursos de mais de 10 dias, provindos das grandes empresas, atingiu somente 13%. Percentagem igualmente baixa assinala São Paulo, devendo-se levar em conta que, exclusivamente na capital paulista, existem, segundo estatística de 1951, nada menos de 140 empresas de mais de 500 operários. As melhores percentagens, nesse particular, são as de Pernambuco, 25%, e Rio Grande do Sul, 20%. Não resta dúvida que aí está uma das falhas mais sérias de todo o nosso trabalho de educação. As dificuldades, tantas vezes alegadas, não podem justificar uma situação de tal ordem. É preciso zelar pela formação de quadros operários, em especial os oriundos das grandes empresas, trazendo-os não só para os pequenos cursos, como principalmente para os cursos médios e superiores. Outra debilidade a sanar se refere à percentagem muito baixa de mulheres e camponeses nos cursos das nossas escolas. É preciso levar em conta o grande papel dos camponeses e das mulheres nas lutas revolucionárias.<sup>25</sup>

Entre as mudanças de ordem organizativa há a eleição de Jacob Gorender enquanto membro suplente do Comitê Central, junto de outros militantes que, com idade e trajetória semelhante no Partido, também aproximavam-se do centro decisório.

Integrante de um organismo dirigente do Partido Comunista, Gorender assumiu a sua posição mais destacada nesta agremiação até então. A sua eleição certamente indica que era prestigiado na organização. Militava no PCB tinha mais de dez anos, lutou nas trincheiras

---

<sup>24</sup> BAHIA, Sabino (pseudônimo de Jacob Gorender). Preparação, formação e educação de quadros do Partido. *Problemas – Revista Mensal de Cultura Política*. Rio de Janeiro: Dez. 1954.-Fev. 1955. N. 64.

<sup>25</sup> Idem.

europeias, colaborava regularmente na *Interpress* e dedicava-se às importantes tarefas de formação dos quadros comunistas necessários à revolução nacional-libertadora. Agora, integrado ao Comitê Central, aumentavam os seus deveres e peso no Partido. Teve então de cumprir obrigações fora de solo brasileiro, sendo convidado a participar de uma das turmas de alunos enviadas à União Soviética para aprimorarem a sua formação política junto ao PCUS: iria se tornar um oficial no exército mundial da revolução.

### **Gorender, um aluno na Escola Superior do Partido Comunista da União Soviética**

Para além da iniciativa local de formação de militantes através das Escolas de Partido, o PCB organizou a viagem de quadros brasileiros para estudarem na Escola Superior do Partido Comunista da União Soviética. De acordo com Gustavo Falcón, biógrafo de Mário Alves, ambos os PCs articularam um esforço conjunto de formação de quadros dirigentes para a atuação no Brasil, através de um empreendimento mais ambicioso do que o já efetuado nos trópicos:

Para formar seus altos dirigentes, o PCB começou a organizar, já em 1950, embaixadas especiais à URSS, escolhendo para isso os seus mais destacados militantes. Isso porque, os cursos dados pelo próprio partido formavam apenas, segundo Osvaldo Peralva, os cabos e sargentos do exército revolucionário. Os elementos mais categorizados, os quadros da oficialidade, deveriam sair da escola do PCUS. Os soviéticos tinham o PCB na conta do mais importante partido de esquerda da América Latina. Era o mais numeroso, havia passado pelo ensaio geral de 1935, tal como a Rússia passou pelo ensaio de 1905, possuía um dirigente de grande prestígio, dava mostras de combatividade e seguia fielmente a orientação de Moscou. Só lhe faltava quadros marxista-leninistas devidamente preparados. Isso a URSS estava disposta e tinha interesse em bancar. Queria formar esse pessoal capacitado para a tática e estratégia revolucionárias, gente capaz de abalar, fazer ruir, através da agitação e propaganda, o regime capitalista e edificar uma nova ordem social. Entre 1951 e 1955, o PCB enviou umas três turmas consecutivas para essa preparação de três anos em Moscou. (FALCON, 2008, p. 143)

A expectativa perante a oportunidade de estudar na URSS era provavelmente bastante alta. Osvaldo Peralva, por exemplo, fornece impressionante testemunho acerca de seus sentimentos quando comunicado que foi escolhido para estudo com os soviéticos:

Tentei dissimular a felicidade que me banhava a alma. [...] Levantou-se, estava feita a comunicação, saiu. Eu fiquei desarvorado e só. Era de tarde e fazia sol, mas nesse momento tudo me pareceu escuro e confuso. Conhecer Moscou, a Meca do comunismo internacional, era a grande aspiração acariciada por todos nós. E esta possibilidade agora me inundava de alegria. (PERALVA, 1962, p. 7)

A sensação de júbilo lembrada por Peralva é compreensível ao se atentar à citação anterior. Como ali mencionado, a escola do PCUS representava oportunidade privilegiada para os militantes brasileiros: do Partido Comunista mais importante da América Latina, eram escolhidos aqueles que constituiriam os quadros oficiais de melhor qualificação, destinados à tática e estratégia revolucionárias. Jacob Gorender foi um destes.

Uma viagem longa de navio à Europa, bem como trechos de trem e avião, separavam os alunos de seu lar nos trópicos. Mudanças de hábitos eram uma constante com esta nova vivência. Um exemplo é o das restrições disciplinares a que eram submetidos:

Os quase cinquenta alunos brasileiros que tomaram lições de economia, política, filosofia e história, de 1953 a 1955, foram tratados como seminaristas e noviças – três deles para cada uma delas. O chefe do grupo, João Amazonas, proibiu álcool e sexo. Não admitiu que homens e mulheres dividissem quartos nem se fossem casados. Interditou a vitrola. A direção da escola autorizou, mas ele não quis a dança. (MAGALHÃES, 2012, p. 218)

Gorender participou da segunda turma enviada a URSS, em 1955, agora sob a coordenação de Maurício Grabois. As restrições que provavelmente mais incidiram sobre o biografado distinguem-se das citadas acima, e são referentes ao relacionamento amoroso que recém iniciava com Idealina Fernandes, uma das dez mulheres a participarem da delegação brasileira:

Já haviam enviado a Moscou uma primeira turma de estudantes, com o Apolônio de Carvalho e outros. Fui na segunda turma, em meados de 1955, verão lá. Em vez de vivermos em Moscou, nos colocaram a 39 quilômetros, em uma mansão gigantesca, que deveria ter pertencido a alguma família da nobreza do tempo do czarismo. Em um pavilhão ficaram uns quarenta homens e em outro cerca de uma dezena de mulheres, entre elas a minha futura companheira, Idealina. Nos enamoramos, mas só nos unimos no Brasil, pois ali não era possível. Ficávamos isolados e só tínhamos contatos com professores, seguranças, uma enfermeira e cozinheiros. Apenas quando tínhamos problemas médicos nos levavam a Moscou, e raras vezes para assistir peças de teatro ou concertos no Teatro Bolshoi. Em seis ou sete meses, eu já podia falar russo. Ali as aulas eram em russo, com tradução para o espanhol, pois não havia tradutor para o português. Mas poucos tinham familiaridade com o espanhol, estes contavam com a ajuda dos colegas. Nos domingos havia uns bailecos, com vitrola de discos de acetato em 48 rotações. Tocavam-se valsas, sambas, algumas músicas russas que serviam para dançar. Mas tinha umas dez mulheres para quarenta homens, então as coitadas tinham que

dançar sempre, revezando os parceiros. Havia uma vigilância moralista, mas ali nasceram namoros, acho que não apenas o meu.<sup>26</sup>

Idealina Fernandes - filha de Hermogêneo Silva Fernandes, fundador da União Operária 1º de Maio, em Cruzeiro, município paulista, em 1917, organização que futuramente se tornaria um dos núcleos fundadores do PCB - foi aluna do professor Jacob Gorender nos *Cursos Stálin*. Se “*enamoraram*” na URSS, mas a união, de acordo com Jacob, “*ali não era possível*”. Idealina, por sua vez, entre a memória de inúmeras atividades a ocuparem o tempo da delegação brasileira, também recorre a lembranças de dividir com o agora colega “*Uma neve danada, a gente passeando, "amassando neve"... era terrível.*”<sup>27</sup>.

Para além desta vivência afetiva, Gorender estudou “*Materialismo Dialético, Teoria do Estado, Economia Política, História do Movimento Operário Mundial, História da União Soviética, História do Partido Comunista da União Soviética, além de noções de Geografia e Literatura Russa.*”<sup>28</sup> Teve oportunidade também de aprender o idioma de Vladimir Lênin.

O fato comum de maior importância para os jovens comunistas em solo russo não é referente à sua formação política e intelectual, mas sim o de ficar sabendo, quase que instantaneamente em comparação com os camaradas ao redor do globo, sobre o chamado *Relatório Krushev*, revelado no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Dos brasileiros em solo russo, só tomaram parte no Congresso Diógenes Arruda Câmara, representante oficial do Partido Comunista do Brasil, Maurício Grabois e Jover Telles, os quais estavam participando da citada delegação de estudos.

A delegação brasileira, segundo as palavras de Daniel Aarão Reis, “[...] *permanecera ignorante de tudo, salvo murmúrios e boatos, que foram desprezados*” (AARÃO REIS, 2014, p. 268). Arruda Câmara, especialmente focado neste momento da narrativa do historiador, viajou para a China e de volta a Moscou antes de retornar para o Brasil. O dirigente, em suas viagens, travou contato com o teor das denúncias emitidas no Congresso. Em solo brasileiro, já havia alguma repercussão do *informe* de Krushev, publicado na íntegra em *O Estado de São Paulo* e *Diário de Notícias*, assim como ocorria em outros jornais ocidentais de destaque (AARÃO REIS, 2014, pp. 268-269).

Gorender, porém, informou-se sobre as polêmicas revelações do novo dirigente soviético através do jornal *Pravda* e dos próprios professores que apresentavam o conteúdo das discussões aos seus alunos. As lideranças brasileiras presentes ao Congresso, que, como citado, estavam

---

<sup>26</sup> GORENDER, Jacob. Entrevista realizada por Marcelo Ridenti e Rodrigo Nobile. *Margem Esquerda*, n. 9, junho de 2007. p. 18.

<sup>27</sup> GORENDER, Idealina. Entrevista realizada por Alípio Freire, Carlos Eduardo Carvalho e Rose Nogueira. *Teoria e Debate*. n. 22, setembro de 1993. Acesso em: <http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/idealina-fernandes-gorender?page=full>, às 21:34 de 01/03/2015.

<sup>28</sup> GORENDER, Jacob. Op. cit., 1990. p. 29.

viajando, tentaram manter na confidencialidade o conteúdo das discussões<sup>29</sup>. Não era sem razão a sua tentativa, afinal, tamanhas denúncias poderiam causar confusão entre a militância. Justamente o que aconteceu com a revelação do informe, como atesta o próprio Jacob Gorender:

Lá na União Soviética, o informe provocou na nossa turma de estudantes um rebuliço tremendo e eu, particularmente, entrei em grande agitação: para mim, aquilo era um problema de consciência, porque eu tinha sido um colaborador ativo do stalinismo. Comecei a falar abertamente a respeito desses problemas, o que me transformou em alvo dos intransigentes, dos inconformados com as denúncias do XX Congresso. A tal ponto, que se realizou uma assembléia geral na qual fui posto em julgamento. Precisei usar de habilidades de advogado para provar que estava apenas reproduzindo as revelações do informe confidencial de Kruchev.<sup>30</sup>

De acordo com esta memória, Gorender precisou lidar tanto com o seu problema de consciência oriundo de seu até então apoio irrestrito a Stálin – uma questão que não assolou apenas a ele, mas a uma infinidade de militantes, que responderam a esta intempérie das mais variadas formas -, quanto com as necessidades objetivas que este fato impunha à sua organização. Estas necessidades objetivas de âmbito organizativo eram oriundas, aliás, da própria “crise de consciência” que tomou conta dos comunistas brasileiros. A reação inicial, no Brasil, respalda a percepção de “inconformismo” e “intransigência” de parte da militância:

Por toda parte, os comunistas reagem com raiva, denunciavam como apócrifo o texto divulgado, mais uma trama das agências de inteligência capitalistas, interessadas em difamar a União Soviética e Stálin. No Brasil não foi diferente. A direção do PCB negava de pé juntos a veracidade das “infames invenções” do FBI e do Departamento de Estado, aquelas “máquinas de mentir”, como afirmara o habitualmente crítico Astrojildo Pereira. (AARÃO REIS, 2014, p. 269)

Atitudes compreensíveis. A grande imprensa, de fato, se orientava pelo anticomunismo, o usual e sensato entre a militância brasileira era ter desconfiança redobrada com as informações que ali se veiculava. Nos jornais comunistas, o teor das notícias era distinto. Prestes saudava os avanços registrados no XX Congresso: “*o reconhecimento da pluralidade de caminhos para alcançar o socialismo; a ‘coexistência pacífica’ como imperativo dos novos tempos, e como crítica implícita ao ‘catastrofismo revolucionário’; e o caráter indispensável e ‘leninista’ da ‘direção coletiva’.*” Arruda Câmara estava sumido no exterior, entre os brasileiros “[...] *germinavam a apreensão e as dúvidas*” (AARÃO REIS, 2014, pp. 269-270). Em agosto, enfim, o histórico dirigente se reuniu e comunicou-se com outras lideranças do Partido:

---

<sup>29</sup> GORENDER, Jacob. Op. cit., 1990. p. 29.

<sup>30</sup> Idem.

O mistério terminou no último sábado de agosto. Desfalcado de quase metade dos seus 25 membros, em estudos na União Soviética, o Comitê Central fez uma reunião ampliada com meia centena de pessoas. Elas se espremeram numa casa em São Paulo onde funcionava uma escola de quadros. Por segurança, foram transportadas de olhos fechados. Talvez preferissem ter os ouvidos tapados, antes de o secretário de organização do PCB anunciar o inominável: sim, era tudo verdade. (MAGALHÃES, 2012, p. 233)

Como membro suplente do Comitê Central, Jacob Gorender precisou voltar mais cedo de Moscou do que o planejado. Chegou em abril de 1957 ao Brasil. Duas ações tomou: uma de ordem afetiva, a outra política.

Assim que Idealina Fernandes retornou à sua terra natal, foram morar juntos. Não foi sem percalços que prosperou a sua relação. De acordo com as memórias da própria Idealina:

Quando decidiram que devíamos voltar ao Brasil, ele veio antes. Daí, começaram intrigas por parte de alguns companheiros, tentando nos afastar. Nessa época, até mandei avisá-lo que ele era livre, que não tinha nenhum compromisso, que ficasse à vontade. Em alguns círculos restritos, chegaram mesmo a falar mal de mim, calúnias. O problema, soube ainda naquela época, é que estavam preparando, guardando o Jacob para casar com a filha do Prestes, a Anita Leocádia. E acho que era mesmo verdade, porque depois que passamos a morar juntos, em todas as ocasiões em que o Prestes nos encontrava, tratava-nos com uma certa frieza, uma certa distância... Um certo ar de superioridade.<sup>31</sup>

Não é absurdo supor que Jacob Gorender pudesse estar “prometido” para casar com Anita Prestes, filha do secretário-geral brasileiro. Se esta é a razão das supostas perturbações com o líder Luiz Carlos, talvez não seja este o espaço de aferir. De acordo com Mário Magalhães, o PCB de fato casava e “descasava” camaradas (MAGALHÃES, 2012, p. 218).

Primeiro hospedaram-se na casa de Socialina, irmã de Idealina, no bairro do Rocha. Depois, já com o salário de jornalista de Jacob e de trabalhadora no setor imobiliário de Idealina, conseguiram dividir um pequeno apartamento no Engenho Novo. Cabia agora a Jacob Gorender a sua tarefa política de enfrentar o problema da crítica crescente (e a confusão geral que lhe acompanhava) aos velhos hábitos e preceitos stalinistas no seio do Partido em que integrava o Comitê Central.

---

<sup>31</sup> GORENDER, Idealina. Op. cit. Acesso em: <http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/idealina-fernandes-gorender?page=full>, às 21:34 de 01/03/2015.

## Fontes

A Classe Operária. Nos funerais de J. V. Stálin. Rio de Janeiro: 15/03/1953. N. 416. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 3.

BAHIA, Sabino (pseudônimo de Jacob Gorender). Preparação, formação e educação de quadros do Partido. *Problemas – Revista Mensal de Cultura Política*. Rio de Janeiro: Dez. 1954.-Fev. 1955. N. 64.

GORENDER. Idealina Fernandes. Memória: Idealina Fernandes Gorender. Acesso em: <http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/idealina-fernandes-gorender?page=full>, às 21:34 de 01/03/2015.

GORENDER, Jacob. A contradição entre a massa trabalhista e seus falsos líderes. IN: *A Classe Operária*. Rio de Janeiro: 25/01/1947. N. 48. CEDEM. Setor: CEMAP.

\_\_\_\_\_. Uma filosofia para degenerados. IN: *Fundamentos – Revista de Cultura Moderna*. São Paulo: 07/1948. N. 2. Vol. 1. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 128-134.

\_\_\_\_\_. Aydano do Couto Ferraz e a liberdade de criação intelectual. IN: *Fundamentos – Revista de Cultura Moderna*. São Paulo: 08/1948. N. 3. Vol. 2. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 195-200.

\_\_\_\_\_. A solução revolucionária para o problema da terra. IN: *A Classe Operária*. Rio de Janeiro: 01/01/1949. N. 157. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 7.

\_\_\_\_\_. O problema agrário na obra de Lima Barreto. IN: *A Classe Operária*. Rio de Janeiro: 15/05/1949. N. 174. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 3.

\_\_\_\_\_. Figuras do Movimento Operário: Stálin. IN: *Problemas – Revista Mensal de Cultura Política*. Rio de Janeiro: 12/1949. N. 23. Acesso em: <https://www.marxists.org/portugues/gorender/1949/12/figuras.htm>, às 21:02 de 13/07/2015.

\_\_\_\_\_. A vida heróica de Luís Carlos Prestes. IN: *Fundamentos – Revista de Cultura Moderna*. São Paulo: 01/1951. N. 17. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 9-14.

\_\_\_\_\_. Tu nos deste a honra, a bandeira, o Partido. IN: *A Classe Operária*. Rio de Janeiro: 15/03/1953. N. 416. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 4.

\_\_\_\_\_. Entrevista realizada por Alípio Freire e Paulo de Tarso Venceslau. *Teoria e Debate*, n. 11, agosto de 1990.

\_\_\_\_\_. Entrevista realizada por Marcelo Ridenti e Rodrigo Nobile. *Margem Esquerda*, n. 9, junho de 2007. p. 14.

Imprensa Popular. Consternado o Povo Carioca com a enfermidade de Stálin. Rio de Janeiro: 05/03/1953. N. 1362. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 1.

Imprensa Popular. Lágrimas e luto em todos os países - Morreu Stálin. Perda inestimável para os povos soviéticos e do mundo inteiro. Rio de Janeiro: 06/03/1953. N. 1363. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 1.

Imprensa Popular. Homem de Partido e destacado combatente da causa da paz. Rio de Janeiro: 21/03/1953. N. 1376. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 3.

PRESTES, Luiz Carlos. Guiados pelos ensinamentos do Camarada Stálin, nosso educador, estudemos e assimilemos a Doutrina Marxista-Leninista. *Problemas – Revista Mensal de Cultura Política*. Rio de Janeiro: Nov.-Dez. 1950. N. 31. pp. 3-7.

\_\_\_\_\_. Ergamos bem alto a bandeira de Stálin. IN: *A Classe Operária*. Rio de Janeiro: 15/03/1953. N. 416. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 1-2.

### **Referências Bibliográficas**

AARÃO REIS, Daniel. *Luis Carlos Prestes*. Um revolucionário entre dois mundos. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

\_\_\_\_\_. O maoísmo e a trajetória dos marxistas brasileiros. IN: MORAES, João Quartim; AARÃO REIS, Daniel. (orgs.). *História do marxismo no Brasil*. Vol. 1: O impacto das revoluções. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. pp. 161-197.

FALCÓN, Gustavo. *Do reformismo à luta armada*. A trajetória política de Mário Alves 1923-1970. Salvador: EDUFBA/Versal Editores, 2008.

HOBBSAWM, Eric. *Revolucionários*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

MAGALHÃES, Mário. *Marighella*. O guerrilheiro que incendiou o mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MOTTA, Manoel Francisco de Vasconcelos. *O projeto político-pedagógico dos stalinistas brasileiros* (Formação de Quadros e Educação Política no PCB: 1950/1958). Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: USP, 1995.

PERALVA, Osvaldo. *O retrato*. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.

RUBIM, Antônio. Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil. IN: MORAES, João Quartim. (org.). *História do marxismo no Brasil*. Vol. 3: Teorias. Interpretações. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SECCO, Lincoln. *Caio Prado Júnior: o sentido da revolução*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. Leituras comunistas no Brasil (1919-1943). IN: DEAECTO, Marisa; MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Edição e revolução*. Leituras comunistas no Brasil e na França. Cotia: Ateliê Editorial; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. pp. 29-64.

SILVA, Fernando Teixeira; SANTANA, Marco Aurélio. O equilibrista e a política: o “Partido da Classe Operária” (PCB) na democratização (1945-1964). IN: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.). *As esquerdas no Brasil*. Nacionalismo e reformismo radical: 1945-1964. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. pp. 101-140.